

Editorial

Editorial

No ano de 2010, completou cem anos o movimento que desde 1959 ficou conhecido pelo nome de Revolta da Chibata (Rio de Janeiro, 1910), na expressão cunhada por Edmar Morel. A data foi comemorada através de uma agenda oficial, cujo evento mais significativo, por sua dimensão nacional e simbólica, foi o lançamento, em Pernambuco, do petroleiro *João Candido*. Mas ela também foi celebrada através de uma agenda extra oficial, que incluiu a encenação de peças teatrais, publicações em revistas, comemorações de movimentos negros, mesas redondas, palestras, seminários e debates em instituições acadêmicas e culturais de várias cidades brasileiras, embora as comemorações tenham recebido maior atenção da mídia no Rio de Janeiro o que, de resto, era previsível, por se tratar da cidade diretamente vinculada à história deste acontecimento.

Em várias destas comemorações o marinheiro negro João Cândido foi a figura mais lembrada, tanto por aqueles que desejavam celebrá-lo como herói do acontecimento, quanto por aqueles que se esforçavam por consolidar uma memória diferente desta. Sintomático, neste sentido, é que o nome atribuído ao petroleiro *João Candido*, anteriormente mencionado, tenha sido visto com restrições e gerado desconforto na Marinha de Guerra, ao passo que ativistas dos movimentos negros paulistas tenham escolhido a Revolta da Chibata e a figura de João Cândido como temas da celebração da Sétima Marcha da Consciência Negra.

As diferentes celebrações de memórias que estiveram no proscênio nestas comemorações no ano de 2010, como os historiadores bem sabem, são fruto dos usos políticos do passado a partir dos quais diferentes grupos procuram consolidar algumas visões e representações concorrentes. Neste dossiê, também uma comemoração (ainda que tardia!) da Revolta da Chibata, um dos méritos reside no fato de que os autores dos artigos revelam aos leitores a forma como vêm “descobrir”, a partir de pesquisas sólidas e criativas, novas histórias possíveis de serem contadas sobre este acontecimento, para além de certas memórias cristalizadas.

O uso da palavra “descobrir”, aqui, merece um esclarecimento, na medida em que não se trata de uma criação deliberada que busque adequar melhor o assunto ao nosso próprio tempo. O ponto essencial, neste movimento que denominamos “descoberta”, reside no fato de que, para além das controvérsias históricas e historiográficas, estes autores nos mostram como o que se encontra em jogo em torno deste episódio é a

memória coletiva, a presença do passado no presente, suas formas de apropriação e representação mostrando, adicionalmente, como a contribuição do especialista da história pode evidenciar o quanto o uso da memória envolve escolhas seletivas e políticas e como o trabalho do historiador pode ser, caso seja esta a intenção, uma espécie de acerto de contas com o passado.

Os artigos que compõem este dossiê foram apresentados, sob forma de palestras, no encontro *Memória da Chibata – 100 anos: história e historiografia*, realizado em setembro de 2010 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), organizado por Marco Morel e Silvia Capanema, e contou com apoio da CAPES e da FAPERJ. Nele reuniram-se, pela primeira vez, os principais pesquisadores do tema na atualidade, que apresentaram resultados de suas pesquisas realizadas a partir de diferentes perspectivas teórico metodológicas. Mias do que isto, e nas palavras de um dos autores deste dossiê, nele foram reunidos, após décadas e no mesmo plenário, ex-marinheiros e oficiais da reserva e da ativa, dois grupos que “tiveram finalmente a oportunidade de se enfrentar, defendendo suas posições e exaltando ou não o feito pelos revoltosos de 1910”.

No seu artigo, Silvia Capanema P. de Almeida recompõe e analisa elementos identitários e biográficos de marujos e lideranças que participaram da revolta de 1910 nos apresentando uma face mais humana dos marujos envolvidos na revolta sem que isto os torne, como ela própria sublinha, não os torna menos “heróicos” ou menos importantes como agentes históricos. Tânia Bessone debruça-se sobre a produção historiográfica do tema e a relaciona à imprensa dando destaque para questões que contextualizaram a Revolta a Chibata. Hélio Leôncio Martins concentra-se em entender o movimento que levou a memória de João Cândido do total abandono à “entronização, como o defensor dos humildes, o Almirante Negro invencível no passadiço do capitânea da esquadra rebelde”. Mário Maestri faz uma história da história da Revolta da Chibata, debruçando-se sobre obras referenciais sobre o tema. José Miguel Arias Neto analisa a revolta como parte de um momento mais amplo no qual a idéia de direitos, assim como termos tais como “cidadãos” e “republicanos” começavam a adquirir implicações sociais e políticas, mais diretamente sintonizados com a revolução republicana no Brasil. Álvaro Pereira do Nascimento relata sua trajetória pessoal de pesquisa sobre a Revolta da Chibata e fecha seu artigo com uma discussão sobre as relações entre ela e o movimento dos marinheiros amotinados em 1964. Joseph Love resgata diferentes dimensões internacionais da revolta e as possíveis influências estrangeiras sobre a mesma, ampliando o leque de questões que se encontram à espera dos pesquisadores que queiram aprofundar-se neste assunto.

Gostaríamos de agradecer a algumas pessoas que se tornaram figuras essenciais para que esta edição chegasse a bom termo. Em primeiro lugar aos autores dos artigos, por aceitarem publicá-los na nossa revista, quando poderiam tê-lo feito em outras de maior visibilidade, sobretudo num momento em que os critérios das agências de fomento cada vez mais exigem dos historiadores uma produção qualificada para que seus trabalhos sejam por elas reconhecidos. E em segundo lugar, a Laudicena Ribeiro, que tem sido os braços e as mãos da *Antíteses* num momento em que a revista está passando por uma mudança no seu corpo editorial. Sem a sua ajuda este dossiê não teria chegado às suas mãos, caros leitores!

Silvia Cristina Martins de Souza

Editora